

Coluna:



## A Odisseia: Mitologia, História e visualidade

Por: Fernando Galha

Como uma aventura cinematográfica excitante, com efeitos especiais grandiosos, dirigida por Andrei Konchalovsky pode contribuir para o entendimento e a visualidade projetada de um período? Segundo Marc Ferro, qualquer reflexão sobre a relação cinema-história toma como verdadeira a premissa de que todo filme é um documento, desde que corresponde a um vestígio de um acontecimento que teve existência no passado, seja ele imediato ou remoto.<sup>1</sup>

A *Odisseia*<sup>2</sup>, filme produzido por Francis Ford Coppola e dirigido por Andrei Konchalovsky, é uma adaptação do poema clássico homônimo atribuído a Homero, que trata do regresso de Odisseu, herói grego da guerra de Tróia, à ilha Ítaca, aventura esta repleta de aventuras e romance, na qual Odisseu



<sup>1</sup> FERRO, Marc. Cinema e História. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

<sup>2</sup> Odisseia vem de Odysseus, o herói grego, que os latinos chamam de Ulixes, donde Ulisses.

enfrenta a ira de Poseidon, monstros mitológicos e inúmeros perigos (entre eles uma descida ao Hades) para voltar aos braços de Penélope, sua rainha, que o aguarda pacientemente.

A *Odisseia* é um poema de 24 cantos, e juntamente com a *Ilíada*, são considerados os primeiros grandes textos épicos ocidentais e serviram de modelo para outros poemas épicos posteriores, segundo Platão, a *Odisseia* lançou os fundamentos da educação grega.

Podemos detectar três divisões implícitas na *Odisseia*:

**Telemaquia** - fala de Telêmaco, o filho de Odisseu e Penélope. Abarca os cantos I a IV, onde não há a presença de Odisseu, apenas sua ausência é mencionada, pois deixara Ítaca para ir à Guerra de Tróia que já acabara há 10 anos. Telêmaco quer ir à sua procura, mas antes deve lutar contra os pretendentes à mão de sua mãe.

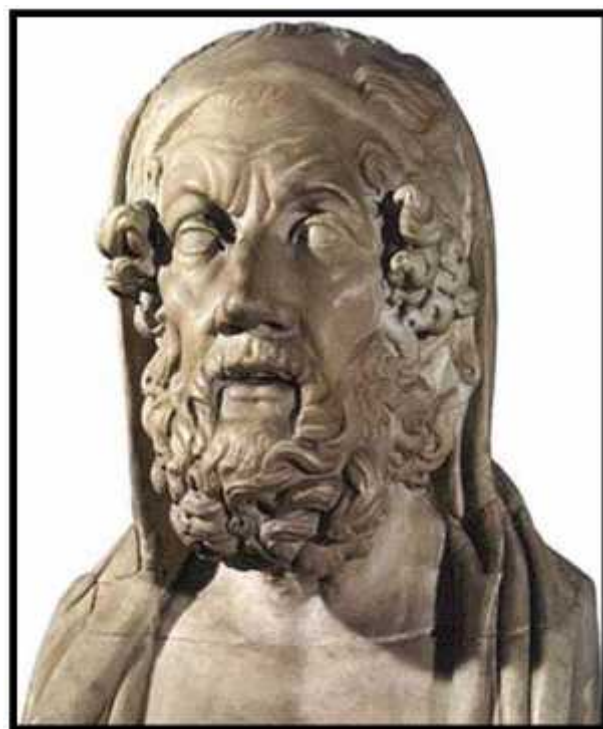
**Narrativa na casa de Alcino** - abrange os cantos V a XIII. Aqui Odisseu relata suas aventuras contando que perdeu o rumo quando voltava para casa, ficando a vagar pelo mar retardado por fantásticos acontecimentos.

**Vingança de Ulisses** - trata da volta do herói 20 anos após ter deixado Ítaca, com o auxílio da Deusa Atena, disfarçado de mendigo penetra em seu palácio e aos poucos, deixa-se identificar as pessoas de sua confiança e extermina os pretendentes de Penélope, reassumindo, então, seu reino.

Enquanto a *Ilíada* apresenta um estágio mais bélico da sociedade, a *Odisseia* delineia sobre um momento mais estável e pacífico. Ao analisarmos mais criteriosamente a *Odisseia*, esta mostra que mais parece uma coletânea de trechos de diversas

obras do que uma obra contínua de um único autor. Apesar de posterior a *Odisseia* não faz nenhuma referência à *Ilíada*. Devemos também considerar que esses poemas foram transmitidos oralmente ao longo de séculos, tomando forma escrita somente em meados do século VI a C. em Atenas durante a tirania de Psistrato.

A própria figura de Homero ainda suscita grandes questões: realmente existiu? Qual sua cidade natal? Quando ocorreu seu nascimento e morte? Homero foi um só homem ou corresponde apenas à sigla de alguma associação de rapsodos, os cantores ambulantes de rapsódias (cantos épicos) na Grécia Antiga?



Homero

A evolução histórica da Grécia Antiga conhece quatro períodos (Pré-Homérico, Homérico, Arcaico e Clássico). Nos dois primeiros, o mito ainda era preponderante na interpretação dos fatos históricos, sendo que no período Homérico ocorre

a dissolução dos genos<sup>3</sup> e a consequente formação das cidades-estado. Esta fase obscura da história da Grécia Antiga, que se estende do século XII ao VIII a C. é chamada de Período Homérico porque seu conhecimento é baseado na interpretação de lendas contidas em dois poemas épicos atribuídos ao rapsodo chamado Homero.

A *Iliada* e a *Odisseia* foram por muito tempo os mananciais da cultura ocidental. Entre outras, na segunda década do século XX, a *Odisseia* de Homero inspirou uma outra, a do homem moderno:

a obra de James Joyce, *Ulisses*, um dos livros mais polêmicos do nosso tempo.

### *Uma pequena análise de algumas Cenas:*

A primeira cena escolhida para análise é uma das iniciais onde Odisseu recebe os Reis Menelau e Agamenon, nela ocorre a convocação de Odisseu, por força do trato feito anteriormente que, segundo a lenda, obrigava todos os reis a prestarem solidariedade e proteção ao rei escolhido para desposar Helena,<sup>4</sup> nela podemos perceber um bom



<sup>3</sup> Instituição grega, constituída pela associação de várias famílias que se julgam descendentes de um antepassado comum, ou que adoram a mesma divindade. É dirigida por um chefe, o rei, detentor da palavra divina, e tem um código de justiça familiar, a *themis*. Segundo Aristóteles, a polis teve remotas origens na genos que continua a subsistir ao lado da polis. Define aquela como a reunião de elementos submetidos ao regime monárquico, acrescentando que o rei está para a família extensa como o pai para a família, dado que, em ambos os casos, o elemento de ligação é o parentesco entre os seus

membros. Acrescenta, no entanto, que, na origem, as poleis eram governadas por reis.

<sup>4</sup> A mão de Helena foi disputada por vários pretendentes, e, antes de se tornar conhecida sua decisão, todos esses pretendentes, por sugestão de Odisseu, que era um deles, prestaram juramento de que a defenderiam contra qualquer injúria e lutariam por sua causa, se necessário. Helena escolheu Menelau, e vivia com ele até ser raptada por Paris, provocando a guerra de Tróia.



exemplo dos palácios Aqueus,<sup>5</sup> que era célula básica da sociedade grega, os genos.

Segundo Petit (1995-p.45) é a arquitetura que melhor nos revela a civilização aquéia. As construções de Micenas e de Tirinta, as mais célebres, são impressionantes pela força: trata-se de cidadelas, cercadas por diversas muralhas, de uma espessura que atinge 10 metros, cujos enormes blocos, por vezes talhados e enquadrados com a serra de bronze, colocados uns sobre os outros, constituem o aparelho “ciclópico”; as portas são fortificadas, defendidas por muralhas astuciosamente desenhadas, providas de pardieiras esmagadoras, como a “Porta das Leas” em Micenas. O palácio propriamente dito, no cume de terraços ligados por escadas, é mais simples que o cretense, sem pátio central, mas comporta uma ou duas salas retangulares, chamadas *megaron*, no centro das quais se encontra um braseiro, cercado de quatro colunas que sustentam o dispositivo de escapamento da fumaça. Esta sala é ladrilhada,

ornada de estuques ou de afrescos; não se sabe se o braseiro fixo indica uma influência nórdica (clima mais frio), ou se corresponde a finalidades de ordem religiosa; alguns distinguem no *megaron* a primeira forma de templo grego, mas isto ainda é discutido. De cada lado abrem-se corredores, de traçado irregular, que condizem a salas numerosas mas de incerta destinação. Arquiteturas do mesmo tipo existem também em Midéia, Atenas, Orcômeno, Tebas e Pilos<sup>6</sup>.

No filme a tomada com os aldeões correndo montanha acima para avisar Anticléia, mãe de Odisseu, do nascimento de Telêmaco; a cena em que o mesmo Telêmaco convoca a assembleia juntamente com a já citada cena em que Odisseu recebe Menelau e Agamenon (O tipo de cabelo aqui representado é próprio da elite esparciata, já que aparecem em cenas relativas ao seu cotidiano. Eles são muito bem trabalhados e parecem confirmar as informações de Heródoto e Plutarco de que os esparciatas tinham grande preocupação



Aquiles. Ânfora de figuras vermelhas do Pintor de Aquiles. Data: -450. Musei Vaticani.



Egisto mata Agamêmnon, preso a uma rede. Cratera de figuras vermelhas do Pintor da *Dokimasia*. Data: -470/-460. Boston, Museum of Fine Arts.



Odisseu e Neoptólemo. Cálice ático de figuras vermelhas de Douris, procedente de Caere. Data: -480. Viena, Kunsthistorisches Museum.

<sup>5</sup> Com os jônio-minianos, os aqueus foram os primeiros gregos da história (PETIT, 1995, p. 45).

<sup>6</sup> PETIT, 1995, p. 45-47

com a estética de seus cabelos – Fig. 2), é possível perceber como o filme tenta manter uma fidelidade historiográfica, pois está tudo lá, as muralhas constituídas de grandes blocos, os afrescos, o braseiro, os grandes corredores, ou seja, no quesito da representação pelos cenários da arquitetura da época o filme é bastante fiel ao apresentado pelas descobertas arqueológicas e a historiografia sobre o período. Quanto ao vestuário podemos usar como elemento de comparação a cerâmica grega, no exemplo abaixo (Fig. 1 e 3) se compararmos as armas e vestimentas usadas por Odisseu, personagem de Armand Assante, ao se preparar para partir para Tróia, encontraremos alguns elementos em perfeita sincronia entre filme e cerâmica:

Todo o equipamento do guerreiro hoplita, capacete, couraça, escudo (*hoplon*, escudo redondo de onde deriva o nome hoplita), grevas (parte da armadura que protegia do joelho ao pé, espécie de caneleira), as lanças, fazem do personagem de Assante um perfeito componente do que se considerou uma revolução, a revolução hoplítica, ideia que surge a partir dos estudos da arqueóloga inglesa H. L. Lorimer<sup>7</sup>, no final da década de 1940. Confrontando documentos arqueológicos e fontes literárias, ela conclui que todo o novo armamento teria sido adotado em todas as regiões do mundo grego simultaneamente, em condições análogas. Já na *Ilíada* (II, 542 e XIII, 339), há duas passagens em que o poeta faz referência à utilização da lança à maneira dos hoplitas, ou seja, investindo-a contra o adversário



<sup>7</sup> cf. Detienne, in: VERNANT, 1985, p. 120.

ao invés de arremessá-la a distância como faziam os heróis.

Em termos defensivos, o hoplita era protegido por uma couraça de bronze composta por duas partes (frontal e dorsal, unidas por tiras de couro) inteiriças ou feitas de pedaços de metal, presas a um material mais flexível (geralmente um grosso colete de linho). A couraça era confeccionada de acordo com as medidas de cada guerreiro, ficando bem justa até a cintura, onde ela se alargava para proporcionar liberdade de movimentos. O capacete era de bronze forrado de feltro ou couro, o qual protegia quase todo o rosto e ainda parte do pescoço. Grevas também de metal protegiam as canelas e os joelhos. Alguns guerreiros usavam proteções extras para os braços, tornozelos e coxas.

Contudo, a principal inovação era o escudo redondo e côncavo – o *hoplon*. Feito de madeira e bronze (inicialmente só nas bordas, depois a cobrir todo o escudo), era muito mais pesado do que o escudo anterior (que era de couro), algo por volta de oito quilos. Ao contrário de seu antecessor, não pendia de uma alça, o *hoplon* era seguro por dois cabos, um perto da borda, empunhado com a mão esquerda, o outro, no centro do escudo, por onde passava o cotovelo, com isso ele proporcionava muito mais firmeza, embora fosse menos manejável.<sup>8</sup>

O equipamento ofensivo era constituído de uma lança de madeira medindo entre dois e três metros, com ponta de ferro e uma coronha de bronze. Uma espada curta ou um punhal, ambos de ferro, eram utilizados na eventualidade de um combate corpo a corpo.

Podemos observar que todos os elementos citados acima fazem parte da indumentária de Odisseu nas cenas em que se prepara para viajar e na cena da despedida de Penélope, porém apesar do alto grau de fidelidade histórica na composição do vestuário dos guerreiros, nas cenas em Tróia estranhamente Odisseu e Aquiles, em todas as cenas de batalha, lutam sem escudo e capacete. Seria uma exigência dos atores, que teriam seus rostos escondidos justamente nas cenas mais heróicas? Seria uma opção do diretor para valorizar o astro do filme? Qualquer que seja a opção, uma coisa é certa, foi uma opção feita no séc. XX, ou seja, feita pela produção da equipe cinematográfica, pois nenhum guerreiro em sã consciência abriria mão de uma possível proteção em uma batalha, seja ela corpo a corpo ou em formação hoplita.



Outras cenas de bons momentos do filme é a reprodução do barco de Odisseu, que está de acordo com o que se conhece como uma pentacontora, considerada como um protótipo das unidades de guerra da antiga Grécia, embora também fosse usada no tráfego comercial. Conceitualmente semelhante aos dracar's noruegueses, surgidos muito mais tarde, era de construção relativamente leve e a robustez da

<sup>8</sup> SOUZA, 1988. p. 30-31





### Odisseu e o mito das sereias aladas

estrutura apoiava-se mais em um sistema de reforço conseguido por ligaduras do que no uso de madeira maciça. Essa leveza, acrescida ao impulso de 50 remos (25 por costado), deveria permitir que se alcançasse uma potência próxima dos 7 hp durante breves momentos, o que a convertia na embarcação mais rápida da sua época. Em curtas distâncias, a velocidade máxima talvez chegasse aos 8 nós, mas esses desempenhos estavam predestinados a cair drasticamente quando os remadores ficavam exaustos.

As pentacontoras eram especialmente eficazes para o fim a que se destinavam, muito mais próximo da pilhagem do que do comércio, mas leves demais para, suportarem uma batalha. Para este último requisito, os gregos precisavam de

embarcações mais robustas, maiores e capazes de manter a velocidade por mais tempo. Graças aos fenícios, já conheciam a existência da birreme, que aliás passaram a adotar. O progresso seguinte foi o recurso ao trirreme, cujo aparecimento coincidiu com a "Idade do Ouro" da arte figurativa grega, razão pela qual dispomos de numerosas representações bem conservadas, sobretudo sob a forma de gravuras e motivos decorativos em utensílios de cerâmica.

Mesmo levando em conta as inevitáveis liberdades da criação artística, especialmente no que se refere às proporções, essas informações foram essenciais, pois foi a partir delas que se



tornou possível deduzir os detalhes construtivos dessas embarcações e a sua configuração.

As diferenças mais óbvias entre a trirreme e a pentacontora, menor, estão na forma da popa e da proa. Em vez de terminar em uma roda, a quilha da trirreme prolongava-se para a frente seguindo os dois troncos de madeira da quilha da carena e, no seu todo, o conjunto contribuía para formar o esporão de proa. Por cima estendiam-se mais duas fileiras de madeiras, cuja principal função era dar sustentação para as chumaceiras exteriores, servindo também para formar um esporão secundário. Todo o conjunto contribuía para que a proa fosse muito ornamentada, e até curvada de forma sinuosa e delicadamente decorada: nos costados pintava-se o tradicional olho, que ainda hoje se pode ver nos barcos de pesca gregos e, mesmo, portugueses, para que a embarcação pudesse "enxergar" o caminho pelo mar afora.

Além composição física do barco de Odisseu, é louvável também a composição física dos atores

no decorrer da viagem, que pouco a pouco vão apresentando os efeitos do tempo, como queimaduras do sol no rosto e roupas esfarrapadas e sujas de Odisseu e seus homens, evidentes em cenas como as da ilha de Circe.

Para finalizar, podemos dizer que "A Odisseia" de Andrei Konchalovsky, é um genuíno exemplo de "filme histórico"<sup>9</sup>, possuidor de um discurso sobre o passado, coincidindo com a História no que se refere à sua condição discursiva. Portanto, não seria um exagero considerar que Konchalovsky, ganha contornos de historiador, mesmo não carregando consigo o rigor metodológico do trabalho historiográfico.

---

**Fernando Gralha** é Mestre em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora e Professor das Faculdades Integradas Simonsen, Prof. Tutor UAB/UNIRIO. Editor fundador da Gnarus Revista de História. Coordenador de pesquisa do Centro de Memória de Realengo e Padre Miguel.

---

<sup>9</sup> Qualquer reflexão sobre a relação cinema-história toma como verdadeira a premissa de que todo filme é um documento, desde que corresponde a um vestígio de um acontecimento

que teve existência no passado, seja ele imediato ou remoto. FERRO, 1992.